

BONITA

DIONE CARLOS

(2015)

A publicação deste texto foi realizada pelo Coletivo Labirinto como parte do CICLO DE LEITURAS ENCENADAS, que integra o projeto “HISTÓRIAS DE NOSSA AMÉRICA”, contemplado pela 35ª EDIÇÃO DA LEI DE FOMENTO AO TEATRO PARA A CIDADE DE SÃO PAULO.

CICLO DE LEITURAS ENCENADAS

BONITA

Dia 18 de novembro de 2020 – 20h

Leitura feita remotamente via plataforma Zoom.

Ficha Técnica:

Dramaturgia: Dione Carlos (Brasil)

Direção: Malú Bazán

Elenco: Abel Xavier, Carol Vidotti, Fábía Mirassos, Ton Ribeiro e Wallyson Mota

Projeto Gráfico: Alexandre Caetano – Oré Design Studio

Assessoria de Imprensa: Pombo Correio

Assistente de Produção: Melina Marchetti

Produção: Carol Vidotti e Wallyson Mota

Realização: Coletivo Labirinto

www.coletivolabirinto.com.br

labirinto.contato@gmail.com

@coletivo.labirinto



"A condição de insurgentes é matéria-prima para o surgimento de uma expressão de arte", Frederico Pernambuco de Mello.

RÉQUIEM AO MEIO-DIA

Ave sangria

Fogo celeste

A pele feito couro

Pés juntos pela prata

Mãos unidas pelo ouro

Romeiros sem romaria

No cipó do Rei

Nas folhas da Rainha

Um pedido de ressurreição

Anjo sem asa nem escudo

Braços abertos na direção da terra

Pisada firme em rastro incerto

Águia de bico gasto e penas pesadas

Renasce no voo

Na cabeça de Virgulino, no coração de Maria

Do aço ao cangaço

Ave Sangria

BONITA

Um dia, a esposa do sapateiro ganhou talhos de canivete no braço.

Filetes de sangue atravessaram seu cotovelo.

Chorou sal grosso.

Cruzou o corpo e saiu de casa.

Teve que criar a sua própria Lei.

Oito dias em casa paterna. Oito dias vendo o dia encontrar a noite sem esperança,
nem saudade.

A barriga vazia depois de cinco anos já não pesa mais.

A notícia chega rápido quando o tempo sabe que não existe.

Ele está a caminho.

Minha irmã tosse.

Não faça isso na frente do homem. Ele pode lhe matar.

Olho pela janela da casa.

O sol desce no meu quintal.

A pele arde quando ele bate.

Pode matar, mas é o sol.

Cura os doentes.

Fui mulher de sapateiro.

Chora Zé.

E ninguém vai saber nada, além dos teus talhos e sapatos.

O sol ocupa todo o quintal.

Ilumina e cega.

Na despedida, recebo alguns lenços.

Espero e bordo.

Uma linha costura saudade, a outra esperança. Repetidas vezes.

Ele volta.

Fui mulher de sapateiro.

Sou a mulher do Capitão.

SUSSURROS

A fé é como a febre.

É preciso estar doente para tê-la.

E ficar mais forte depois de passar por ela.

Recriar o corpo.

Tatuar Estrelas de David.

Manter Patuás a tiracolo.

Estrelas de muitas pontas na cabeça.

Moedas na testa.

Um punhal atravessado na frente do peito.

É preciso carregar a si mesmo como a um templo.

E esquecer o último rosto.

(SOM DE HOMENS IMITANDO ANIMAIS)

BONITA

Um anel em cada dedo. Estrelas em chapéu de couro.

Dentes cobertos de ouro.

Eles foram vistos em bando.

Os mortos também fazem festa.

O líder manda entregar bilhetes.

LAMPIÃO

Abvdum D'bashmaia.

Sagrado coração.

Netcádash Shimóch.

O Senhor é convosco.

Mater Noster.

Fiat mihi secundum Verbum Tuum.

De joelhos e pés juntos.

Fiat voluntas tua.

No encaço de nossos inimigos.

Dominus tecum.

De mãos erguidas e braços dobrados.

Gratia Plena.

Salve Regina!

Tetê Malcutách Uma.

Rogai por nós, filhos do Sol.

Nunc et in hora mortis nostrae.

Afastai os urubus, assim como nós afastamos a quem nos tem perseguido.

Ed libera nos a malo.

Amen.

VILAREJO

Meses em oração, novenas desesperadas. Imploramos por uma solução que dê conta de proteger nossas portas e janelas. Fomos destituídos de nossos bens mais valiosos. Não, nossas crianças estão bem. São os nossos cofres. Estão vazios!

LAMPIÃO (Bilhete)

Sergipe, lhe saúdo!

Assinado: Capitão Virgulino Ferreira, Lampião.

BONITA

Anel, pulseira, colar, pente, espelho e armamento!

Brinco meu em outra é orelha e brinco na mão.

A orelha eu joguei fora. O brinco não.

Eles foram vistos em bando.

Menina quando sangra já pode entrar no grupo, tomar bala, costurar, esperar o dia, esperar chegar.

Ver a noite reluzir nas estrelas do chapéu de couro.

Ser a lua que espelha. Iluminar sendo noite.

Escurecer sendo dia.

Eles foram vistos em bando.

(SOM DE HOMENS IMITANDO ANIMAIS)

MENINA EM LEILÃO

Menina antes de sangrar ajuda dentro das casas. Minha mãe pediu e obedeci. Honrei minha mãe. Honrei meu pai. Honrei meu vizinho. A esposa dele. Os filhos deles. Os vizinhos dos vizinhos. Os visitantes dos vizinhos. Ganhei uma boneca. Não pude honrar a boneca. Honrei o tanque, o varal, o fogão, as panelas, os penicos, os cães, os gatos, os passarinhos, os peixes, os bodes, os escorpiões, os lagartos. Eles me mandaram para a escola. Não pude honrar a escola. Um bando apareceu. Honrei o líder, a mulher dele não gostou. Honrei o braço direito do líder, a mulher dele não gostou. Perdi minhas orelhas. Sangrei pelos ouvidos. Honrei os volantes. Perdi a língua. Não ganhei patente. Padrinho?

SUSSURROS

Dada (de Corisco), Neném (de Luiz Pedro), Durvalina (de
Moreno), Sila (de Zé Sereno), Lídia (de José Baiano), Inacinha
(de Gato), Adília (de Canário), Cristina (de Português), Jovina
(de Pancada), Dulce (de Criança), Moça (de Cirilo), Otília (de
Mariano), Maroca (de Moreno), Mariquinha (de Labareda),
Maria Ema (de Velocidade), Enedina (de Cajazeira), Rosalina
(de Chumbinho), Estrelinha (de Cobra Viva), Hortênsia (de Volta
Seca), Lacinha (de Gato Preto), Iracema (de Lua Branca),
Eleonora (de Azulão), Lili (de Moita Braba), Catarina (de
Sabonete), Mocinha (de Medalha), Maninha (de Gavião), Maria
(de Juriti), Dora (de Arvoredo), Marina (de Laranjeira), Dinha
(de Delicado) e Maria (Do capitão. A primeira).

Cortando o mato seco, tomando banho em água de rio,
comendo bode assado em fogueira de clareira.

LAMPIÃO (Bilhete)

Senhor João, prepare seu espírito para morrer.

Assinado: Capitão Virgulino, Lampião.

Vamos encobrir os gritos com algumas palavras de jornal.

SUSSURROS

JB na forja, marca nos rostos as iniciais do seu nome. JB no rosto indica a passagem do homem. JB viu a mãe desfigurada por pancada. JB não paga imposto sobre ferradura. Não gosta de mulher com cabelo curto, nem vestido acima do joelho. Marca seu desgosto na tristeza de alguém.

VILAREJO

Eles carregam fuzis e cartucheiras trespassadas com 120 balas.

(SOM DE HOMENS IMITANDO ANIMAIS)

Um buraco no quintal, uma costura no colchão, o bolso de um casaco. Não há mais onde esconder o que se tem!

BONITA

É dia, Pai nosso, que estais no céu.

Homem cozinha, lava, costura e cuida.

Santificado seja o Teu Nome.

O mato corta a pele, desenha cada passo no braço.

Venha a nós o Teu Reino.

Direita, esquerda, em frente, atravessando balas, sendo atravessada por elas.

Seja feita a Tua vontade.

Mulher beija, trata ferimento, canta, dança e costura.

Assim na terra como no céu.

É dia, nós rezamos pelos mortos.

Os joelhos doem e as mãos estão dormentes.

LAMPIÃO

(LAMPIÃO INVADE UMA CIDADE E OCUPA UM CINEMA)

Mãos ao alto!

Lado a lado.

Ajoelhem-se.

Rezem.

Sete sangrias num dia de sol.

Celas abertas.

Macacos para dentro, o resto sai.

É dia de pagamento.

Dinheiro e ouro no bolso.

Punhal limpo no peito

A cidade parece vazia.

Hoje tem filme.

Não vai ter fila.

CINE LAMPIÃO

Preto e branco.

Mocinha e bandido.

CINE LAMPIÃO

Leilão de virgindade sem limite de idade.

Chão batido de terra vermelha.

CINE LAMPIÃO

Seda francesa e punhal.

Xaxado, cachaça e bala.

CINE LAMPIÃO

Risada, arrepio e vela.

Índio e branco na tela.

CINE LAMPIÃO

Urubus na calçada.

Cães em revoada.

CINE LAMPIÃO

Nem todo baile é festa.

Tem catinga no salão.

CINE LAMPIÃO

Melodia de solteiro é com mulher da vida.

Pagamento em dinheiro, ouro e perfume.

CINE LAMPIÃO

Fila indiana.

O último apaga o rastro.

CINE LAMPIÃO

A sandália tem sola retangular sem bico nem calcanhar.

Os macacos nunca sabem se fui ou voltei.

CINE LAMPIÃO

Na falta de luz ilumino à bala.

Depois da sangria tem reza e festa.

CINE LAMPIÃO

Fim da sessão.

Olhei para o lado e me vi em todas as cadeiras.

SUSSURROS

Silêncio no recinto. Silêncio no mato seco, cobra sem cabeça, rio sem água. Silêncio.

BONITA

Barco ancorado em banco de areia.

Três vezes a dor do parto.

A roupa, a barriga, a pistola e os lenços.

A roupa, a morte, a pistola e os lenços.

A roupa, a morte, a pistola e os lenços.

A roupa, o bebê, a pistola e os lenços.

A roupa, o leite, a pistola e os lenços.

A roupa, o peito, a pistola e os lenços.

A roupa, a couraça, a pistola e os lenços.

Três vezes a dor do desmame.

MENINA EM LEILÃO

Hoje tem baile. Não tem festa. Só catinga e cachaça. Não tem beijo, nem promessa. Tem perfume e ouro. Um brinco, um anel e uma pulseira. É um final sem fim. Amanhã tem outro baile. Dia de coronel. Noite de Lobo mau. O pai vendeu. Um bandido sequestrou. O bandido é pai, professor, amigo e marido. O bandido é bandido também. A mãe é irmã e avó e prima e amiga e enfermeira. Deus é uma mão que segura a cabeça da gente para o corpo poder descansar. O Padrinho garante que ela chegue a tempo. O Padrinho Padre Pai Mestre Santo. Quando a gente não tem mais lugar no corpo que seja bento. E no topo da cabeça a água escorre e nos faz renascer sem baile, nem festa, nem catinga. Só o mato que é um tipo de Deus em galhos secos que não se quebram e espinhos que marcam a pele. É um final sem fim. Sem preço fixo. Quanto mais nova, maior a cotação.

BONITA

Filho é suspiro.

LAMPIÃO

É máquina manual. É aqui, sim senhor. Está vendo?

Bordei uma estrela de oito pontas no couro do meu chapéu.

E brilha quando é noite, como as que estão no céu. E devolve o que me desejam.

Coisa boa brilha lá no alto. Coisa ruim quebra em sete pedaços.

Por que em sete?

Porque carrego estrelas de oito pontas na cabeça.

SUSSURROS

JB seleciona os melhores pedaços de comida, arruma o prato, ajeita o guardanapo e serve Lídia. JB, o ferrador. JB, o amoroso. JB mima Lídia. Lídia mima JB. Ela mima também Bem te Vi. No bando, um delator. Bem te Vi foge. Lídia é amarrada a uma árvore. Morre. À paulada. Lampião mata o delator. JB enterra o corpo sozinho na mais completa escuridão do dia.

(SOM DE HOMENS IMITANDO ANIMAIS)

LAMPIÃO

(LAMPIÃO NO RASO DA CATARINA)

No Raso da Catarina: índio, mel, madeira, cutia, tatu, peba, caititu e planta para fazer remédio.

Lugar onde macaco não entra.

Um dia encontrei um menino negro no meio do mato.

Não era uma criança.

BONITA

Aqui a jararaca, na outra a jiboia.

Coral nos cabelos.

Muçurana nos dedos.

Surucucu no ventre.

Cascavel no coração.

Veneno nos cabelos.

Cura nas mãos.

Veneno nos dedos. Veneno e cura entre os seios. Vem.

LAMPIÃO

(LAMPIÃO ESCUTA JAZZ ENQUANTO NAVEGA PELO RIO SÃO FRANCISCO)

Nas encruzilhadas da minha mão: Espinho e Maria.

Estrelas na cabeça e flor no peito.

Um punhal atravessa tudo.

Carrego a hemorragia sem me preocupar com o sangramento.

Estou vivo, estou morto. Nunca no meio.

BONITA

Ouviu?

Parece urubu.

LAMPIÃO

É música.

LAMPIÃO

A fama é uma prostituta que cobra além do combinado.

Para cada morto meu, encaminho o dobro.

Minha mãe morreu de susto. Perdi meu pai e irmãos à bala.

Não mato ninguém. Quem decide é Deus.

VILAREJO

Sob os pés de uma Santa estamos cada dia mais pobres. E ninguém faz nada.

LAMPIÃO (BILHETE)

Sr. José Batista. Saudações. Não passei na sua casa. Soube que o senhor não estava. Peço que envie dinheiro através deste portador.

Assinado: Capitão Virgulino, Lampião.

LAMPIÃO

(LAMPIÃO OUVE JAZZ ENQUANTO NAVEGA NO RIO SÃO FRANCISCO)

No cruzeiro das almas, velas apagadas.

Pés descalços, ceras derretidas, cheiro de pedidos suspensos.

Maria, Mãe de Deus, rogai por nós, filhos do sol.

Maria, dona de casa, dona do mato, dona de mim.

Atende meus pedidos, Maria.

No cipó cortado, na folha cozida.

Maria dança.

Noite enluarada.

Um tiro no pé e o peso do meu cavalo morto, sobre ele.

Pé, cabeça, quadril e ombro tatuados à bala.

Pulmão encardido.

Um espinho de Jurema preta no olho direito.

Este aqui é o beija mão.

Este é do ouro de alguém.

Este é presente de Maria.

Ouro, diamante e esmeralda.

Um indica, o outro acusa e este perdoa.

Carrego dezoito e uso seis.

Três em cada mão.

Quando bate sangue tem que lavar e escovar para não perder o brilho.

As unhas ficam para depois.

Faca amolada na pedra.

Nunca vi um rosto corado na minha frente.

Volante é macaco porque corre no mato quando me encontra.

Na crina do meu cavalo tinha perfume francês.

Crianças são piratas. Dão tiro com a boca e matam com o dedo.

Caminham na prancha. Aqui não tem mar, então eles pegam as moedas e caem na terra seca.

Dança para mim, Maria.

BONITA

Urubus em círculo.

Sobre nossas cabeças.

Auréola de pássaros.

Pegam fogo.

A pele arde quando ele bate.

O rei no meio do céu.

Ilumina e cega.

Nutre e mata.

As chamas não consomem os urubus.

Dançam no meu corpo.

Brigam com as cobras.

Tomam meu veneno.

Levam minha cura.

O cão está quieto.

E isso, agora. O que é?

LAMPIÃO

Chuva.

VILAREJO

Um grupo de cinquenta, divididos em subgrupos com subchefes e um líder.

Levaram tudo, marcaram as mulheres, estupraram as cabras, levaram as meninas.

Quem?

Os homens de Lampião.

Você viu?

Não.

Quem contou?

Um amigo do vizinho do primo do meu amigo.

LAMPIÃO

(LAMPIÃO AGONIZA)

Dourado não late nem abana o rabo.

Na chuva, busca abrigo longe. Perdeu o faro. Não ataca. Come e descansa. Carrega uma coleira de ouro e prata.

Na barraca, o sono é curto.

As mulheres veem vaga-lumes.

O lenço de Maria com saudade e esperança descansa no meu peito.

Vaga-lumes sem asas.

A pistola está pesada, o punhal grudado no couro.

Maria, Maria, Maria.

Perfeita como a água.

Chuva parece moeda atirada para criança.

Nós dois, nós muitos.

Teu cheiro, bálsamo dos meus dias.

Voo Maria.

O bico gasto, as penas pesadas.

Cada cicatriz tem um beijo seu.

Minha melodia.

Música pelos poros.

Padrinho, Deus é uma nuvem dentro da gente.

Voo Maria.

As pedras me reconhecem.

Meu nome está na boca dos pássaros.

Voo na minha própria direção.

As pedras falam comigo.

Vejo um ninho.

Ele está vazio.

Uma nuvem me liberta.

E brilho.

Olho o mundo de cima.

Braços abertos na direção da terra.

Tem uma cobra lá embaixo.

Alguém finalmente tomou uma atitude. Hoje teremos missa.

Tragam velas para que possamos orar no escuro e agradecer.

BONITA

Meu ventre aberto.

Urubus insaciáveis.

Macacos com dentes afiados.

Pulam, atravessam os galhos, os corpos, mastigam gente.

Meus olhos fechados, as pernas abertas.

As vísceras espalhadas pela barriga.

A ponta do fuzil levanta a minha saia.

Intestinos nos joelhos.

Eles riem alto.

A cabeça do meu homem nas mãos dos macacos.

Um eclipse.

De olhos fechados, o coração ainda bate, devagar.

Estou surda.

A lâmina é gelada.

Os urubus lutam entre si.

O corte é mal feito.

Tento abrir os olhos.

Os urubus caem envenenados.

O ouro dos meus dentes já não mastiga, nem brilha, mas vale muito.

Não por ser ouro, mas por estar em minha boca.

Levem os anéis, roubem os colares, arranquem a roupa, rasguem o lenço e me dividam.

Onze cabeças em poucos degraus.

Banhos de cal e aguardente.

Ao lado dele, sou lamparina em noite densa.

Separada de mim, sou Rainha, Maria, Bonita, Santa.

AVE SANGRIA

Eles andavam em bando.